

Uma visita à terra das irmãs Brontë, em Haworth

EVA PAULINO BUENO*

Resumo

Para admiradores da literatura criada pelas irmãs Brontë –Charlotte, Emily, e Anne--no século XIX, uma visita à aldeia em que elas viveram, e na qual Charlotte e Emily morreram, pode ter o sentido de uma peregrinação a um local sagrado. Este texto faz uma rápida introdução à aldeia de Haworth, em Yorkshire, Inglaterra, e apresenta imagens e reflexões sobre a aldeia, as escritoras, o tempo em que viveram, o seu gênio, e sobre a natureza da arte que elas criaram.

Palavras-chave: Haworth; Brontë; museu; literatura; feminismo.



* **EVA PAULINO BUENO** é professora Espanhol e Português na St. Mary's University, em San Antonio, Texas. É autora de vários livros e artigos sobre literatura brasileira, cultura popular, e estudos da mulher. Seus livros mais recentes: *The Woman in Latin American and Spanish Literature* (McFarland, 2012) e *Amácio Mazzaropi in the Film and Culture of Brazil: After Cinema Novo* (Palgrave, 2012).

Para quem é admirador dos romances de Charlotte Brontë, ou de qualquer uma de suas irmãs, Emily and Anne, uma viagem a Haworth tem o sabor de uma peregrinação a um lugar sagrado. Os fãs de Elvis têm Graceland; os das irmãs Brontë têm Haworth.

Mas, se você quer chegar até lá, um dos primeiros problemas é convencer seus amigos que você não está indo ver o lugar mítico onde o Harry Potter estudou para aperfeiçoar sua mágica, Hogwarts. Para cada tempo, um tipo diferente de local de peregrinação. Pelo que eu soube, pode-se ir visitar Hogwarts (uma versão para turistas), comprar varinhas de condão e outros apetrechos supostamente mágicos, e mais copinhos, lápis, etc.

Mas se você conhece o nome das irmãs Brontë, você sabe que os livros escritos por elas são muito diferentes da famosa série com Harry Potter. Para começo de conversa, elas viveram faz muito tempo. Charlotte, a mais velha das três, nasceu em 1816, e morreu em 1855. Emily, a segunda irmã, nasceu em 1818 e morreu em 1848. E Anne, a mais jovem, nasceu em 1820 e morreu em 1849. Oficialmente, as três morreram vítimas da doença mortal mais comum da época, tuberculose. E as três, juntas, criaram uma das famílias literárias mais famosas de todos os tempos.

E o que elas escreveram há tantos anos, de um lugar muito específico da Inglaterra, tem ressonância até hoje, e certamente seguirá sendo objeto de estudo e de admiração — e amor mesmo!—por muitas gerações. As três escreveram poesia, mas são mais conhecidas pelos seus romances. Seus personagens não são mágicos, e não curvam as leis da física. Mas são gente que persevera diante da adversidade, gente que transcende o que parecia ser seu destino devido à classe social em que nasceram ou ao seu gênero feminino. Para quem não leu nada escrito pelas três irmãs, recomendo que comecem com *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Os mais afoitos devem seguir com *O morro dos ventos uivantes*, de Emily. E não se esqueçam da irmã mais jovem, que morreu aos 29 anos, após ter escrito dois romances, *Agnes Grey*, e *O morador de Wildfell Hall*. Apesar do fato das três irmãs terem vivido no tempo do Romantismo literário, e seus romances obviamente terem um sabor daquele movimento, elas vão muito além. Qualquer pessoa que ler *Jane Eyre*, ou *O morador de Wildfell Hall*, por exemplo, vai ver nos romances que as suas autoras são feministas *avant la lettre*, e que seus personagens indicam caminhos para a vida das mulheres que não eram a norma da sua época.

Mas nós estamos interessados em fazer agora não uma análise histórica ou literária envolvendo as irmãs Brontë. Somos simples turistas que querem conhecer a cidadezinha de onde estas três escreveram sua obra. Vamos a Harworth.

Falar é mais fácil que fazer, neste caso. A Inglaterra, apesar de ser um país pequeno comparando-se com o Brasil, é um país grande, comparando-se com outros da Europa. Felizmente, o país tem uma excelente rede de trens, e este é o meio mais conveniente de ir-se a Haworth, a não ser que você saiba dirigir do lado esquerdo da estrada, com a direção do lado direito do seu carro. Naturalmente que ir de carro de Londres a Haworth seria uma viagem muito interessante, porque há muitas cidadezinhas e aldeias no caminho. Mas o nosso interesse é ver onde moraram as famosas irmãs, e ver se alguma coisa de Haworth iluminaria algo sobre suas vidas e suas obras.

Haworth fica ao norte de Londres, na região chamada Yorkshire. Para chegar até Haworth, se tomam dois trens e um ônibus. O primeiro trem parte da estação King's Cross, em Londres, e vai até Leeds, que é uma cidade cinzenta e não muito interessante. Em Leeds, toma-se outro trem para Keighly, uma cidade pequena e muito

movimentada, mas também não muito interessante. A estação de trem de Keighley é antiga, parece ser de outro século, mas os trens são suficientemente confortáveis. Em Keighly todos sabem como ir até Haworth. Para eles, Haworth é mais uma das muitas aldeias de pedra que existem na região. Apesar de todos saberem que as irmãs Brontë atraem muita atenção, é possível que algumas pessoas se ressintam de toda atenção prestada a uma das muitas aldeias, e não à delas, seja ela lá qual for. Mas, talvez a pequenina e humilde Haworth seja querida por causa dos benefícios que traz a todos.

Para quem conhece a Itália, os campos de Yorkshire lembram a Umbria. Para quem conhece o Brasil, os campos de Yorkshire lembram algumas partes do Paraná, quando tudo está verde (figura 1) Existe muita criação de carneiros na região, e no tempo em que viviam as escritoras, esta aldeia tinha várias fábricas envolvidas com lãs. Hoje, provavelmente o turismo da aldeia seja a única fonte de renda.



Para nós brasileiros, filhos da América, a visão de aldeias assim, todas de pedra, com construções datando de muitos séculos, sempre é algo incrível. As pedras lisas de tantas pessoas, carroças, carros passarem por elas, as casas de paredes de meio metro de espessura, as chaminés, tudo nos remete a um tempo que não vivemos. Na distância, é muito fácil romantizar o tempo, e achar que era tudo tão simples e maravilhoso (figura 2 e figura 3).



Mas não era. A verdade é que no tempo em que viveram as irmãs Brontë, a vida era muito difícil, e muito precária. Havia muita exploração dos trabalhadores, e as mulheres tinham muito poucas possibilidades de trabalho. Charlotte trabalhou como professora, Anne como governanta, posições que ocupavam as filhas da classe baixa alta que tinham cultura. Como filhas de um pastor irlandês e de mãe da região de Cornwall, residentes em uma aldeia sem importância, todas as três tinham estudado e seguido a paixão que o pai tinha pela literatura. Sua casa, apesar da perda da mãe, continuou sendo um centro de arte, de discussões literárias entre as três, de amor entre todas elas e entre o irmão Patrick. Para nós, leitores, foi ótimo que ambas tiveram esta experiência pessoal e profissional, porque escreveram romances a partir dela. Mas podemos imaginar como deve ter sido difícil para elas deixarem sua casa, as outras irmãs, o irmão, e seu pai, e irem trabalhar em lugares onde sua inteligência não tinha o menor valor.

Haworth é uma aldeia muito pequena. Na realidade, são três ruas paralelas, e algumas transversais que as unem. Mas o que é fabuloso para nós que somos estudiosos da obra das irmãs e de suas vidas, é ver que muitas das casas e estabelecimentos comerciais que existiam durante a vida das escritoras ainda estão ali. Vemos, por exemplo, o Black Bull, que hoje é um restaurante-bar, mas que no passado foi o bar onde o amado único irmão de Charlotte, Emily e Anne ir embriagar-se e onde estragou sua saúde, seu futuro e as esperanças de sua família de que ele se tornasse um grande pintor (figura 4). E, além da igreja onde o pai era pastor e onde Charlotte e Emily estão enterradas, vemos a sua casa, onde hoje funciona o museu Brontë.



Naturalmente, os moradores da aldeia utilizam o nome e a fama das escritoras para seu benefício (e outras aldeias vizinhas também se beneficiam). Não poderia ser de outra maneira (figuras 5, 6 e 7). Tão logo Charlotte morreu, a escritora Elizabeth Gaskell escreveu sua biografia, na qual — de acordo com alguns críticos — se iniciou o processo de “canonização” de Charlotte, que é pintada como uma heroína, pura, dedicada, um modelo a ser seguido. Não que ela não houvesse sido um exemplo, porque o foi, a ver-se pelo número de outros romances sobre governantas que se seguiram a Jane Eyre. Mas talvez o seu exemplo, pelo menos para nossos tempos, tenha sido exatamente o fato dela advogar o direito das mulheres dizerem o que pensavam e de serem livres. Ou talvez isto seja o que Charlotte achava que deveria ser o caso; sua heroína mais famosa, Jane Eyre, é este tipo de mulher forte, incorruptível, inteligente, e capaz de dizer a verdade mesmo aos mais poderosos. Charlotte, por sua vez, viveu sempre lutando para ser publicada, sofrendo por ser rejeitada pelo homem (casado) a quem amava, e se conformando em casar-se com o pastor júnior que era assessor de seu pai.





É bem possível que onde mais importava, a vida das três irmãs tenha sido sempre regida pelo seu gênio criador, pela sua necessidade de escrever, de se expressar. Mas havia outras necessidades, tais como de manterem seu bom nome e seu sentido de honra, e as três tiveram que publicar sob pseudônimos porque no seu tempo era considerado impróprio para mulheres publicarem romances. Vindas de uma região fora do “centro cultural,” e de uma família de classe social baixa, em um tempo em que a exploração sem pena era considerada norma, as três, lideradas por Charlotte, conseguiram mesmo assim escrever literatura que atravessa os séculos. Mesmo que você não goste dos romances que elas escreveram, tem que admirar a garra das três.

Ao chegar-se a Haworth, o estudioso das irmãs Brontë não tem que saber nada disto para apreciar a cidadezinha e o sentido histórico romântico de tudo. Mas vai se deparar, imediatamente, com o uso constante de referências a elas. Pode-se tomar café à moda das Brontë, ler livros à moda das Brontë; visitar um prado com seu nome; e logicamente visitar o museu em que sua casa foi transformada (figura 8).



Qualquer um pode ser cínico e dizer que ir a estes museus é um exercício de credulidade, porque tudo pode ser falso. Não se pode descontar esta possibilidade em todos os museus, por certo. Mas, neste pequeno e humilde museu da casa onde as três mulheres viveram, e onde Emily e Charlotte morreram (Anne morreu em Scarborough, para onde tinha ido em busca de melhores ares para curar-se), se vêem os móveis da cozinha onde Emily cozinhava para a família, os utensílios simples, alguns quadros pintados pelo irmão, Patrick. E, em uma das salas, dentro de retângulo de vidro, o

vestido e os sapatos que Charlotte usou no seu casamento. É comovedor ver como era pequena, magra, delicada.

O que não comove é a pequena loja de tranqueiras turísticas ao qual o visitante do museu se dirige ao fim da excursão pela casa. Mas o museu tem que ser mantido; a lojinha ajuda. Compra quem quiser, e se não quiser, passa direto ao jardim, e vai ver o cemitério que fica entre a casa e a igreja. Embora nenhum membro da família esteja enterrado ali, sempre há pessoas tirando fotos, porque as lápides são antigas, as florzinhas do campo rodeiam tudo, e é muito bonito (figura 9).



A igreja onde o pai pregava é uma igreja comum àqueles lugares, simples, escura, sem grandes ornamentos. Uma placa na entrada nos avisa que esta é uma igreja que funciona como tal, e que todos são bem-vindos a entrar, mas que respeitem as cerimônias, não usem chapéus e tenham uma atitude respeitosa. De fato, como a maioria das pessoas que vai à igreja é composta de turistas, e estes vêm de várias culturas, muitas delas para as quais a igreja não existe, é importante lembrar as pessoas que, quando uma cerimônia está em andamento, não se deve entrar fazendo algazarra. É o mínimo que se deve fazer, em qualquer lugar de respeito para os locais, seja qual for a religião.

E pronto. Você terminou a excursão pela parte da cidade que está relacionada diretamente à família Brontë. Agora você inevitavelmente pensa nos romances que as três mulheres escreveram. Onde será que elas encontraram a inspiração? Quais partes deste mundo elas recriaram nos romances? É difícil conciliar esta casa, este presbítero,

estes objetos prosaicos e banais, à grande literatura que elas escreveram, em prosa e verso.

Se você tiver sorte, e o dia não estiver muito frio ou chuvoso (algo comum em Yorkshire), você sai caminhando em direção oposta à que chegou à cidade e chega a umas colinas cobertas de uma vegetação não muito bonita, de cor marrom. Você olha à distância e vê alguns telhados de pequenas casas, talvez sejam currais onde se abrigam as ovelhas, e, mais além, vê que as colinas se estendem na distância. E aí, se você tiver sorte, você escuta o vento passando pelas plantas, roçando as colinas, os telhados das casas. O som é inconfundível. Aí, você entende. Elas ainda estão aqui (figura 10).

